

Comunidade Gólgota: família, casamento e sexualidade

Maralice Maschio*

Introdução

A Comunidade Gólgota, em seus dezoito anos de existência, direciona seus esforços para um público específico: os *undergrounds* curitibanos (roqueiros, motociclistas, cabeludos, tatuados, em geral universitários ou com formação superior concluída, cuja idade varia entre 18 e 35 anos). Trata-se de um público de classe média que, não tendo se identificado com a maioria das denominações religiosas existentes, ou, por exemplo, as de suas famílias, identificou-se com a comunidade, especialmente por suas ofertas culturais.

Iniciativas religiosas foram concebidas como “estratégias” (Certeau, 1993) para regulamentação de atitudes e práticas. Historicamente passaram a contar com negociações entre o que as lideranças planejavam para sua juventude (o que implica entender como essas pessoas, em geral adultas, compreendem o que é ser jovem), como educar, corrigir, doutrinar, formar e manter coesos os golgotanos e como estes percebiam e vivenciavam sua juventude.

Nesse sentido, identidades religiosas são pensadas através de características comuns a outras identidades, como as de gênero e de orientação sexual (Hall, 2006). Assim, a Gólgota é um exemplo oposto às pressões das doutrinas Protestantes e Pentecostais mais tradicionais, que afastaram sujeitos que não se

* Professora de História pela Secretaria de Estado de Educação (SEED)/Paraná (PR) e docente do curso de Pedagogia na Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente (FAMA) de Clevelândia (PR). Trabalha com as disciplinas de ensino de *História e História, Cultura e Patrimônios Regionais*. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), 2005, Mestre em História Social do Trabalho pela mesma, 2008, e Doutora em História das Religiões e religiosidades evangélicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2018. Principais áreas de atuação: História Regional, História Social, História Cultural e História Oral. *E-mail*: maralicesmaschio@gmail.com.

encaixavam em suas práticas. Atuando nesse vazio deixado por esse tipo de igreja, comunidades como a Gólgota alicerçaram-se em ofertas como a cultura de exclusão (crítica aos tradicionais) e a cultura da inclusão (diferenciação), estimulando o senso de pertencimento dos indivíduos participantes. Concomitantemente, marcas identitárias como o “maluco de Cristo” das tribos *underground*, possibilitaram à Gólgota conciliar aspectos religiosos e seculares sem conflito. Desse modo, essa denominação religiosa fez com que muitos sujeitos encontrassem a solução para suas crises, desestrutura familiar, dependência química, questões de gênero e de sexualidade, possibilitando o diálogo entre os que sofrem situações similares.

No ano de 2010, ao conhecer a comunidade, primeiramente pela Internet e posteriormente frequentando, durante um ano e meio, os cultos como pesquisadora-participativa, foi realizada uma entrevista oral com o pastor Volmir de Bastos. Este indicou mais quatro lideranças, que foram também entrevistadas no mesmo período. A entrevista com o líder fundador foi selecionada por explicitar a trajetória da Comunidade e suas principais intenções, a partir da experiência religiosa e de vida do pastor. Entre 2012 e 2018, observaram-se alterações no discurso das lideranças golgotanas, que se tornou mais rígido, direcionado para polêmicas presentes em diferentes meios da sociedade brasileira, não apenas religiosos.

Para a produção da Tese de Doutorado, entre os anos de 2010 e 2015, quinzenalmente foram transcritos e arquivados materiais com conteúdos¹ contidos nos canais cibernéticos, produzidos pela e sobre a Gólgota, desde 2001 (ano de sua criação). Destes, para o presente texto, selecionamos a entrevista oral que produzimos com o pastor e quatro cursos de formação de algumas lideranças para fiéis e convidados.

O primeiro trata do I Congresso para Homens (Coração Selvagem), de 29 de setembro de 2012, com o pastor falando para os homens da Gólgota e os outros três com lideranças, direcionadas aos jovens, falando sobre sexualidade dentro e fora da Igreja: o seminário *Sexo na Igreja: santo ou profano* é dividido em duas partes: em 06 de maio de 2012, com a psicóloga Kassiana Lícia de Lacerda e, em 12 de maio de 2012, *Sexo na Igreja: santo ou profano? parte 2 masturbação e pornografia*, com a jovem missionária de rua Alana Lacerda, profissionais do sexo e comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais). Por fim,

1 Os conteúdos da Comunidade Gólgota estão todos armazenados no Portal MetalCast, que abre automaticamente por intermédio do Site Oficial *comunidade.golgota.org* criado em 2001. O material aqui discutido encontra-se disponível para qualquer internauta, em formato de áudio, no MetalCast, descrito e periodizado linearmente. Trata-se de um acervo imenso de álbuns de música, fotografias, clipes, livros, eventos promovidos pela Gólgota e outros em que houve participação de lideranças e membros externos aos templos, batismos, retiros, entre outros. O site enfatiza os Ministérios da Gólgota: Ação Social, Descontradizendo Contradições Bíblicas, Eventos, Golgotanos MotoClube, Intercessão, Golgotens, Infantil e MetalCast.

os seminários “Crimes e pecados sexuais”, de 13 de maio de 2012, também com Lacerda, e *Construção da Sexualidade*, em 20 de maio de 2012, com Kassiana Lícia de Lacerda. A entrevista, o congresso e os seminários foram produzidos na própria Comunidade Gólgota.

Através da análise histórica da Gólgota, identificou-se que, apesar da permanência de expressões culturais juvenis, surgiu, na comunidade e nas mídias, uma preocupação mais direcionada para a ideia de família, enfatizando determinados temas que partiram do jovem para englobar as famílias. São exemplos as criações do Ministério Infantil e do Ministério Golgotteens em 2012, envolvendo crianças e adolescentes, o que justifica a escolha dos nomes. A partir desse processo, pensou-se a divisão deste trabalho: da origem, do campo e do projeto religioso da comunidade juvenil às famílias golgotanas e os assuntos abordados por elas. Sabendo-se que grande parte das emissões e movimentações provém das lideranças da Comunidade, questiona-se, como admite Foucault: “Quem fala? Quem no conjunto de todos os indivíduos falantes tem a autoridade de exercer esta espécie de linguagem?” (Foucault, 1998, p. 68).

Gólgota: origens, campo e projeto religioso

Na virada do século XX, no Brasil e no mundo, retomam-se atuações de *religiões* com ideias missionárias. Movimentos recentes, conhecidos como *igrejas emergentes*,² são importantes, porque indicam mudanças na estrutura das sociedades. Em retrospectiva, observando-se a ideia de missionarismo evangélico em igrejas mais tradicionais, são identificáveis alterações com relação ao sagrado. Este era, anteriormente, preso a ícones e à imagem do que convencionalmente se considerava um bom crente. A Gólgota delinea o bom crente cristão e o rebelde cristão (*underground* cristão/ “maluco de Cristo”) como faces de uma mesma moeda do ser missionário. A noção de tribo urbana, sugerida por Michel Maffesoli (1998) e José Guilherme Magnani (1992) auxilia na construção do cenário vivenciado por esse tipo de denominação religiosa.

O discurso dos cristãos *underground* representa uma espécie de luta contra o cristianismo reacionário (evangélicos, católicos e outras correntes conservado-

2 O termo *igreja emergente* nasceu no final do século XX, mas ganhou força no início do século XXI. É um movimento que prega a necessidade de uma nova compreensão do Evangelho e da Espiritualidade, além de uma nova teologia de abordagem bíblica. Os *emergentes* crescem mundialmente, acusando o cristianismo tradicional de ser institucionalizado e rígido demais, ultrapassado, exclusivista e fechado. Dentre as características marcantes do movimento, está seu espírito de protesto contra o modelo de igreja comum, que, a seu ver, não consegue atender às demandas da chamada pós-modernidade.

ras), buscando construir sua missão através da tentativa de levar a palavra de Deus a todas as tribos urbanas. Entretanto, encabeçados por cristãos da cena *metal* (pastores, líderes religiosos, missionários, músicos), objetivam tornar sacros símbolos e valores que foram ontologicamente dessacralizados pelas culturas juvenis seculares, sobretudo pelos grupos góticos, *darks*, *black metals* e outros extremos da cena *underground* do *heavy metal* (Cardoso, 2010).

Para o antropólogo social Airton Luiz Jungblut (2007), que atua com pesquisas sobre a desinterdição de áreas da mundanidade, aceita pelos evangélicos brasileiros nas últimas décadas, não resta dúvidas de que os jovens brasileiros e seus estilo/estética e comportamento vêm se tornando “um dos principais fronts de atuação do conversionismo evangélico [...] em todas as áreas de interesse da juventude em geral: sexualidade, drogas, consumo, esporte, música, internet, educação, estilos de vida urbanos” (Jungblut, 2007, p. 146). Na cena *underground* cristã, por exemplo, existe uma vasta e celebrada gama de estilos, que se tornou referência para o segmento jovem: Comunidade Zadoque em São Paulo (SP), Comunidade Gólgota em Curitiba (PR), Caverna de Adulão em Belo Horizonte (MG), Manifesto Underground em Uberlândia (MG), Ministério Metanóia em Niterói (RJ), Caverna do Rock Missões Urbanas em Juiz de Fora (MG), Comunidade Alternativa Restaurar em São Gonçalo (RJ), Jocum Underground em Goiânia (GO), Verbo Missões Urbanas em Macaé (RJ) (Jungblut, 2007, p. 147).

Em 1994, começou a história da Comunidade Zadoque, da qual se desmembrou a Comunidade Gólgota quando o pastor sonhou ser um vocalista de *heavy metal* e cantar para uma plateia de visual *agressivo*. Evangélico, filho de um pastor presbiteriano e vindo da classe média, Antônio Batista não conhecia nada do metal e não tinha contato com pessoas do meio. Enfrentou problemas financeiros, foi catador de papelão e pelas ruas de São Paulo conheceu *punks*, *hippies*, roqueiros que, em sua maioria, eram também dependentes químicos. Para o pastor, o chamado missionário estava em ajudar aquelas pessoas: foi quando criou a sua banda Antidemon.

Na época, Antônio Batista e Elke Batista faziam parte da Igreja Renascer em Cristo, neopentecostal, fundada na década de 1980 e famosa por atrair milhares de jovens para seus cultos. Percebendo que não teriam espaço na Renascer, já que visavam um público e uma identidade sonora muito radicais, Antônio e Elke oficializaram a Comunidade religiosa Zadoque em 2000. Nela, aos sábados, os jovens integrantes reúnem-se em um galpão, sem numeração, para, inicialmente, estudar ensinamentos bíblicos e, no final da tarde, para o culto, que mais parece um show de *rock*. A música é o principal instrumento do pastor de 45 anos, e seu público mantém a agressividade característica das tribos culturais às quais pertenciam ou pertencem, porém apenas esteticamente.

A Comunidade Gólgota, com aproximadamente 180 membros, nasceu

em Curitiba em 2001.³ Sua história acompanha o meio *online* e a *Internet*, dos quais se vale para alcançar, para se aproximar de públicos juvenis, universitários de classe média. A princípio, tinha o intuito de oferecer um espaço de doutrina libertária e de estética juvenil, acolhendo marginalizados pela sociedade e que não se encaixavam em espaços religiosos mais tradicionais. Após um show de *rock* em Curitiba, do qual Volmir de Bastos, o pastor, e Kátia de Bastos, sua companheira, participaram, a Comunidade Gólgota recebeu a autorização da Zadoque para formar um grupo de oração na capital paranaense.

Eu era um seminarista. Fiz três anos de seminário em Foz do Iguaçu. Nós viemos pra Curitiba ver um show de uma banda lá da Alemanha, que a Zadoque promoveu e que eu gostava muito. Eu tinha uns quatro ou cinco amigos aqui e eu tava na casa deles quando chegou uma pessoa pra orar com a gente que eu nunca vi na vida. Esse cara falou assim: Olha, eu sinto muito forte que o teu tempo em Foz do Iguaçu acabou! É pra vocês irem embora! Na verdade, o meu coração já tava em luta com isso há muito tempo. Eu sentia que Deus tava me jogando pra rua, só que como eu nasci lá era difícil deixar tudo: família, amigos, trabalho. Mas aquela palavra queimou no meu coração e no da minha esposa. Chegamos em Foz e vendemos tudo o que a gente tinha, entregamos chave, aluguel e viemos embora. Daí começamos a nos reunir com esses amigos, autorizados pela Zadoque, todo final de semana e eu também procurava igrejas e não achava. Não me encaixava em lugar nenhum: batistas, presbiterianas, outras comunidades. Enquanto isso eu continuava me reunindo com o pessoal no sábado e disso aí formamos a igreja. A gente ficou quase dois anos se reunindo e eu falei assim: galera, acho que formamos a nossa que é o que Deus quer! Aí me reconheceram como líder pastoreando eles e foi assim que começou a Comunidade Gólgota. (Volmir de Bastos, 2010).

A fala do pastor elucida a procura e, possivelmente, o intuito de oferecer um espaço de identificação e pertencimento a jovens que, assim como ele, não se encaixavam em determinados espaços religiosos, como continuava procurando igrejas para filiação que participavam de seu grupo de oração. Não as encontrando, o pastor, juntamente a um pequeno grupo de amigos, reconhece que a possibilidade mais viável seria um local onde se sentissem confortáveis, *pertencentes*, assim

3 Apesar de denominações como a Gólgota terem despontado no cenário brasileiro, especialmente, após os anos de 1990, desde os 70 já se observava a presença de movimentos com características semelhantes. As paraeclesísticas e seu principal expoente, o *Jesus Movement*, direcionado para públicos culturais específicos e expressivos em seu momento de fundação, como os *hippies*, são exemplo.

como aqueles que por ela se interessassem.

A mudança do oeste paranaense para a sua capital mostra-se como *revelação profética*, premissa pentecostal de longa data e característica de fundação da maioria das denominações evangélicas. Ao mesmo tempo, também é característica de denominações com perfil religioso missionário, cujos integrantes saem de suas localidades de origem, passando a atuar inclusive fora de seus países levando a boa-nova. Parece assim que as cidades/localidades não foram escolhidas pelos fundadores à toa. Observando Curitiba, percebe-se que é a cidade natal de muitas bandas clássicas do extremo Metal nacional e da cena do metal cristão, cujas bandas também são reconhecidas no circuito (Branco, 2011, p. 34).

Outro ponto relevante é que estratégias de direcionamento de denominações, como as da Gólgota, dizem respeito ao que boa parte de seus líderes fundadores vivenciou no cenário brasileiro, principalmente nos anos 80. Pipe, como é chamado o pastor Volmir de Bastos, por exemplo, que cresceu na Igreja Presbiteriana do Brasil, em Foz do Iguaçu, na década de 1980, tornou-se guitarrista de uma banda de *rock* e seguiu a esteira do movimento *punk*. A sua experiência com o estilo *punk/rock*, por sinal, é justificada por ele como um motivo cultural para a sua existência religiosa, bastante semelhante à experiência do fundador da Zadoque.

No que se refere aos *undergrounds*, especialmente os *punks*, a principal estratégia parece ser a de construir um universo ressignificado culturalmente, com estilo/estética mantidos, mas afastado de comportamento comumente associados a ele, tais como a agressividade, envolvimento com drogas e rebeldia. Da experiência como roqueiro e *punk*, o pastor golgotano conta como surgiu a necessidade de trabalhar com o movimento através de uma proposta missionária – o Largo da Ordem, em Curitiba, ponto de encontro de várias tribos é visitado, nos finais de semana, nesses dezoito anos de atuação:

Desde que eu fui *punk*, uma das coisas do movimento é que na filosofia não pode fazer o uso de drogas, porque o movimento *punk* se assemelha um pouco com o cristianismo, só que na praticidade é um movimento muito hipócrita. Ele propõe a não-violência e tão brigando na rua! Propõe uma vida de liberdade, mas são viciados, entendeu? Tão presos! Essa foi uma das coisas que me empurrou de vez pro cristianismo. [...] Só que também pelo fato de eu ter sido criado no evangelho e ter sido do movimento *punk*, ele é contrário a todo tipo de religião, a Deus, e eu não podia virar ateu como eles. Então toda vez que eu levantava a questão eu era excomungado! Porém, desde que eu me reconverti aos dezoito anos de idade, com uma semana lá em Foz do Iguaçu, Deus já me deu um chamado evangelista e eu comecei a ir pras praças pregar o evangelho, principalmente pros *punk*. Apesar de muitos não aceitarem eu comecei a

levar os *punks* pra dentro da igreja e daí comecei a ter atrito com a Presbiteriana. Então é desde lá, só que na Gólgota nós temos uma missão com os *undergrounds*, principalmente com os *punks*! (Volmir de Bastos, 2010).

O discurso de Pipe inicialmente apresenta o movimento como semelhante ao cristianismo, na sequência, argumenta que sua saída do movimento se deu pela não aceitação de sua fé pelos membros, a maioria ateus. Frisa que são hipócritas por não cumprirem suas premissas filosóficas, por outro lado, diz ter recebido o chamado de evangelizar os *punks* e levá-los para a Presbiteriana ainda em Foz do Iguaçu. Criou atritos com essa igreja, de postura tradicional e que não via o grupo com bons olhos, seja pelo estilo/estética, seja pela associação, de cunho conservador, de seu estilo com características diabólicas. Contudo, no que se refere à Gólgota, fica clara a evidência do missionarismo para com os *undergrounds*, como os *punks*, presente até hoje. Porém o que se mantém é apenas a estética e o formato de culto, idênticos à Zadoque.

Nesse sentido, a postura parece ser tradicional: para herdar o reino de Deus não precisa mudar a roupa, mas os comportamentos sim. É preciso seguir uma doutrina aceitando determinadas normas institucionais – nenhuma novidade em comparação às igrejas evangélicas de modo geral. Vista por outro ângulo, também pode-se perceber que a experiência do líder expressa uma necessidade de amadurecer e amadurecer de determinada forma: de um jovem rebelde, *punk*, *underground*, para um adulto, homem, que está constituindo uma família, crescendo com a igreja, mas que mantém determinadas expressões culturais juvenis. Seja como atrativo para novos fiéis ou para não perder a construção identitária inicial, o estilo e a estética *underground* ficam, o comportamento muda e a doutrina vai sendo introjetada. Esse é o resumo do processo.

Família/casamento: preparando o jovem

Desde a infância, dentro de locais como a família e a igreja, sujeitos são influenciados por valores a serem carregados para a vida. São ambientes subjetivantes, carregados de discursos normatizadores e autoritários, geracionais, que dizem para os indivíduos como se portar em sociedade, assimilando padrões de comportamento, como os sexuais. Para a Comunidade Gólgota, principalmente nos últimos anos, a família passa a ser um elemento imprescindível, até porque trabalha com o circuito da conversão. É a ideia de família para a Igreja e da Igreja para o mundo. A escolha parece bem estratégica, visto que o pastor usa o velho discurso da família como célula *mater* da sociedade (originário da Grécia e

da Roma Antigas) e aponta para a sua fragmentação, construindo um discurso de recristianização⁴ da família como forma de salvá-la.

No seminário institucional *Sexo na igreja: Santo ou Profano?*, a palestrante discutiu a família em relação a questões enfáticas como o casamento. A Gólgota colocou uma jovem-adulta de trinta anos para falar aos jovens. A líder sugeriu o casamento como a união que Deus espera de um cristão, a aliança entre homem e mulher como o relacionamento profundo e a extensão do próprio Deus.⁵

Deus criou homem e mulher e falou: eu vou juntar, vou unir esses dois e eles se tornaram um só. Então o casamento é aquilo que é o padrão de Deus pra gente, pra nossa vida. O homem e a mulher juntos em um casamento, numa aliança, porque Deus é 3 em um: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito, né? e eles são um só. E o que que Deus quer pra gente? 2 em um: homem e mulher juntos, uma só carne. E esse uma só carne é essa união, no casamento, a entrega, o relacionamento entre o homem. (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

No discurso de Kassiana, em que o casamento é apresentado como a extensão da aliança com Deus, não há menção dos filhos num primeiro momento, mas ela faz questão de apresentar o modelo de família heterossexual como o divino: homem e mulher, unidos pelo casamento, dando início à família, como foi com Adão e Eva. No discurso protestante a referência principal ao feminino é Eva (a pecadora), enquanto no catolicismo é Maria (que oferece redenção ao mundo ao dizer sim). São modelos antagônicos, que tornam válido um questionamento: até que ponto esse tipo de referência reforça o status de inferioridade ao feminino e a associação dos pecados sexuais com a mulher?

4 Segundo Pedro Pereira Duarte e Clodovis Boff (2013), o modelo de família teológico, encontrado na trindade, é uma opção para as pessoas que desejam construir uma família fundamentada em valores cristãos, perceptível em muitas culturas e cuja origem está no judaísmo, mas presente na tradição cristã como um todo. “Nesta nova família existe harmonia, fecundidade, respeito, doação, solidariedade, vida em abundância. Não existe mais espaço para o individualismo, egoísmo, indiferença e a morte” (Duarte; Boff, 2013, p. 164). Por isso, para a Gólgota, é importante crer num *Deus-três-em-um* e na extensão da tríade para o casamento em união, na aliança com Deus: homem e mulher numa só carne, o dois em um.

5 A origem tem como base a explicação criacionista, principalmente no sentido do criacionismo científico, presente no fundamentalismo protestante dos Estados Unidos do início do século XX. Seguindo a linha do pastor Volmir de Bastos, Kassiana constrói o seu discurso de modo a mostrar a possibilidade de confirmar o relato bíblico com provas científicas. Heller Elinar Schünemann (2008, p. 71-72) é uma autora que mostra as duas caracterizações desse criacionismo: 1) a que defende a leitura de Gênesis como a verdadeira forma de entender as origens e 2) a que legitima relatos bíblicos com provas científicas.

No seminário *Crimes e pecados sexuais*, sequencial ao de Kassiana, a Comunidade traz a jovem Alana Lacerda, de 26 anos, missionária de rua, com trabalho voltado para a comunidade LGBT. Ela discute a família a partir de questões como o divórcio enquanto um problema contemporâneo, juntamente com o adultério, o aborto e a pornografia, inclusive a gospel. Para a missionária, o que for considerado problema deve ser tratado dentro da igreja e pela igreja, sem vergonha, sem medo de tocar em temas polêmicos ou mesmo recusar-se a falar, como acontece em várias igrejas. Porém, seu argumento é o de que devem ser trabalhados por missionários experientes e em contato com as experiências dos fiéis e dos sujeitos que estão buscando se evangelizarem. É o caso dela e de Kassiana. Acerca do divórcio, Alana argumenta:

A média de divórcio é de um ou dois anos depois do casamento. O maior índice de divórcio hoje é no meio cristão. O adultério também é uma realidade e tem sido muito comum. A gente o tempo todo tá lidando com isso, o adultério de pessoas que amam Jesus, mas que não tem conseguido dar conta porque guarda isso, né? Não confessa. Abortos e pornografia já é básico, parece que não é nem problema mais, porque já faz tão parte, né? Já existe até pornografia gospel para casais. Pra que você vai ver pornografia se você pode ver a pornografia remida, a pornografia pros crentes? Ou seja, tão na benção, né? casais casados que vão fazer posições que não são pecado. O sexo anal que é do demônio, o sexo oral que pra muitos é do demônio; então você vai ver o papai mamãe bem bonitinho e vai ficar na benção. Isso é uma realidade, é a indústria do gospel pornográfico, e tá bombando. E o que é o pior é que muitos cristãos têm caído nessa achando que tão na benção, é remido, é de Deus! (Alana Lacerda, 2012, grifos nossos).

O discurso de Alana simboliza um embate com práticas *do mundo* e com segmentos do próprio meio evangélico. Divórcio, adultério e pornografia são analisados por ela como consequência da preconização da virgindade que tem gerado problemas às igrejas. Para exemplificar, cita o exemplo de que, na contemporaneidade, por não se conhecerem, muitos casais tornaram-se incompatíveis sexualmente, divorciando-se⁶. Outro apontamento é que pessoas que tinham uma vida sexual ativa e retornaram à igreja, sentem a dificuldade de permanecer sem rela-

6 A questão do divórcio como consequência da incompatibilidade sexual não é nova. O motivo de divórcio, que aparecia com maior frequência em Lyon e Rouen, em 1803, era a incompatibilidade, revelando o divórcio como uma influência efetiva sobre a vida privada dos novos cidadãos da República (Hunt, 2009, p. 14).

ções sexuais. Muitos pastores, por isso, orientam os fiéis que estão namorando a se conhecerem sexualmente antes do casamento, visando evitar divórcios posteriores. A Comunidade Gólgota, entretanto, continua rígida nesse quesito: se a Bíblia proíbe o sexo antes do casamento, é preciso seguir o ensinamento.

Nesse debate, Kassiana indicia um argumento novo: diante do crescimento no número de adultérios, aborto e pornografia entre os cristãos, igrejas têm proposto a pornografia gospel como forma de evitar separações conjugais e traições, alimentando a indústria pornográfica padrão e a indústria pornográfica gospel contemporânea. O grande problema, segundo ela, é que o fiel pensa estar fugindo do pecado com tal prática, o que não seria uma verdade religiosa. Para a Gólgota, por exemplo, a única forma de solucionar os problemas é confessar/anunciar⁷ os pecados⁸ para os pastores, obtendo aconselhamento.

Kassiana parece demonstrar uma preocupação com o jovem diante da dificuldade de dizer a ele o que é possível fazer, ou não fazer, num mundo em que tudo aparenta ser permitido e está ao alcance. Essa dificuldade está na busca pela construção de um repertório de afirmações seguro para o jovem, por conta de uma sexualidade que escapa à Igreja, e em como esta deve se posicionar diante das experiências dessa etapa de vida. O seguinte trecho exemplifica:

Mesmo que a escola fale, os professores falem pros alunos, às vezes a gente fala: nossa, é principalmente pros jovens que a gente tem que falar. São turbilhões de hormônios saindo pelas ventas, né? e a gente não sabe o que fazer com eles. A gente tá na igreja e a igreja fala: não pode ficar, não pode transar antes do casamento, não pode se masturbar, pornografia é pecado, e em contrapartida, lá no mundo, pode tudo. Vai curtir a vida, né? vai aproveitar a sua sexualidade; masturbação é pra você conhecer o seu corpo. Então a gente fica: meu Deus, o que eu faço com a minha sexualidade? Por que Deus criou isso? Só pra me dá problema? Eu acredito que é preciso entender porque que Deus criou isso, o que é isso pra ele, e como ele quer que a gente aproveite. (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

7 Passagens bíblicas justificam a confissão: “quem confessa seus pecados recebe o perdão de Deus” (1 João 1:9). A confissão vem do arrependimento, mas como mesmo depois de se converter o crente ainda peca, trazendo consequências negativas para sua vida, é importante “confessar os pecados quando se toma consciência deles, pedindo perdão a Deus e ajuda para vencer o pecado” (Provérbios 28:3). Afinal, “quem acha que não tem pecado engana a si mesmo” (1 João 1:8). “Confessa-se para receber oração e ser curado” (Tiago 5:14-16).

8 O tema da confissão é outro tema histórico bastante antigo, do período medieval. A confissão foi uma prerrogativa fundamental, especialmente para a Igreja Católica quando se tornou privada e anual, entre os séculos XV e XVI, período da Reforma Católica (Delumeau, 1991, p. 11).

A Gólgota é reconhecida por Kassiana como um local de proibições ao fiel (não é permitido o sexo antes do casamento, nem assistir pornografia, gospel ou não, nem cometer adultério). Ao mesmo tempo, seu discurso reconhece que o mundo (indiretamente tratado como pós-moderno) é liberal demais, nele tudo é permitido, contrariando ensinamentos bíblicos e institucionais. É uma batalha em que Kassiana investe na ideia do entendimento, do aprendizado para o jovem e para a Comunidade: Se Deus criou a sexualidade, o jovem deve vivê-la entendendo que se trata de uma prática desejada por Deus para os seres humanos; mas a comunidade ajuda e ensina como vivenciar a sexualidade de modo mais próximo da vontade divina.

Gênero/sexualidade: de fora para dentro

Joan Scott, ao propor o gênero como uma categoria útil de análise, sugere uma definição de duas partes, ligadas entre si, mas que analiticamente deveriam ser distintas. “Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1989, p. 21). Para Anthony Giddens (1993, p. 11), a transformação da intimidade diz respeito ao gênero e à sexualidade,⁹ mas o que está em jogo é uma transição na ética da vida pessoal – como a sexualidade se manifesta e que relações são mantidas após mudanças que afetam a vida pessoal dos indivíduos, a exemplo do sexo antes do casamento. A abordagem se dá em como a sexualidade e a relação íntima entre os gêneros se manifesta na ressignificação dos sentimentos humanos apesar dos aspectos externos, traço da modernidade, a partir de dilemas como impotência e apropriação, autoridades e incertezas. A sexualidade e a intimidade são tomadas, portanto, como o lugar de enunciação dos dilemas, numa leitura do autor sobre como homens e mulheres se posicionam face às realidades.

Na Igreja Católica, a partir do século XIX, as mulheres foram peças-cha-

9 A sexualidade tornou-se o ponto principal de um confessionalismo moderno. Apesar de o confessionalismo católico sempre ter sido um meio de controle também da vida sexual, como admite Giddens: “ainda no século XX o patriarcado permanece completamente entrenchado na ordem social e econômica. Ele também dá pouca importância para a força das resistências psíquicas que afetam o comportamento dos homens e das mulheres, assim como ao caráter contraditório das formações psicosexuais” (Giddens, 1993, p. 172). Para o autor, há uma ansiedade acerca da sexualidade. A imagem do homem grande e forte, viril, preocupado com o tamanho do pênis, por exemplo, foi encoberta até pleno século XX, do mesmo modo que a sexualidade das mulheres foi ocultada, passando por questões como família, casamento, sexualidade, masturbação, pornografia, adultério, vícios.

ve do processo de recristianização da sociedade. Por exemplo, a mulher casada era mais feliz que a solteira por ter a sexualidade controlada pelo casamento. A liberdade é entendida como caminho da perdição, do desregramento, do medo, das incertezas. No século XIX, os discursos reservavam para a mulher o espaço doméstico e para o homem, o público. É um olhar masculino sobre o mundo e sobre como homens e mulheres deveriam o ocupar. Maternidade e educação foram discursos corriqueiros que, longe de colocar a mulher no centro das sociedades ocidentais, convertiam-se em ações morais e reguladoras. Tipos ideais de mãe, esposa, *alma da casa*, de mulher foram assim construídos (Dubt; Perrot, 1991, p. 14).

Kassiana não constrói um discurso de condenação à mulher. Ela fala para todos os públicos sem construir apelos de culpabilização comportamental à figura feminina, justificando o porquê de seminários como aquele serem realizados na e pela Comunidade. O fato de ela ser psicóloga influencia diretamente na sua fala enquanto representante da Gólgota. Dessa forma, imaginamos que seja *natural* ela apresentar um discurso de não condenação a uma sexualidade mais livre. O próprio contexto da sociedade brasileira é uma justificativa e, conseqüentemente, um contingente para a igreja não ter vergonha de abordar temas polêmicos como o sexo e a sexualidade.

A psicóloga apresenta a Comunidade Gólgota como aberta, diferentemente de outras igrejas que se recusam ao debate. Para Kassiana, a Comunidade não apenas traz o debate, como procura atualizá-lo, contextualizá-lo de acordo com as demandas internas e questões políticas brasileiras¹⁰ que, em 2012, ano do seminário, passaram a se referir também os religiosos e suas práticas.

Todo ser humano tem direito de exercer a sua sexualidade da forma como quer. Existem leis hoje, a lei da homofobia que tá sendo discutida muito e agora dia 15 de maio volta em audiência para discutir inclusive questões da fé cristã. De falar o que a gente pensa, o que a gente opina com relação a homossexualidade. Para nós é uma opinião cristã, embasada na bíblia. Amém? Fora isso a gente tem que entender que todo mundo pode exercer a homossexualidade, a bissexualidade, o que quiser e a gente tem

10 No dia 29 de maio de 2012, período das votações no Senado sobre a criminalização da Homofobia, diferentemente do discurso de respeito à orientação sexual dos sujeitos, o site *Gospel +*, publicou uma matéria, próxima de discursos mais autoritários e conservadores de algumas igrejas evangélicas, demonstrando sua indignação acerca da proposta de lei. O site enfatizou a fala de um ativista cristão que, na conclusão da matéria, argumentou: “Se a lei for aprovada, não precisaremos mais de bancada evangélica ou católica, pois se não conseguem deter o monstro agora que está enjaulado, o que farão depois que o monstro estiver solto?” (Julio Severo, 2012).

que respeitar, a questão é respeitar. É que hoje a gente vê uma sociedade pós-moderna em que a gente pode experimentar de tudo, que tudo é liberado, eu posso ter um relacionamento heterossexual, amanhã eu posso ter um relacionamento homossexual, depois eu posso definir que eu sou bi, depois eu posso fazer suingue, troca de casal, sexo grupal, tudo é liberado na nossa sociedade hoje. Em contrapartida a gente vê uma igreja que reprime, que não fala sobre o sexo, que não se posiciona. Então o mundo tá liberadíssimo e a igreja ainda fechada. (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

A ideia de sociedade pós-moderna como liberal demais, atraindo as pessoas e fazendo-as acreditar que tudo é permitido, é retomada por Kassiana. O cenário é o de um mundo liberal e de uma igreja fechada, que não fala sobre sexo, que reprime. Por outro lado, independentemente de crença ou doutrina, ela fala da necessidade do respeito, reconhecendo a importância da questão legal, da criação da lei de criminalização da homofobia no período. Reconhecesse que essa lei passou a garantir direitos à comunidade LGBT, a qual deve ser respeitada pela comunidade Gólgota, legitimando, aqui, sua postura não apenas enquanto líder religiosa, mas também enquanto psicóloga.

Contudo, há *abertura* no que se refere à questão de sexualidade como algo divino, também como reprodução e como prazer, características criadas por Deus. Ainda assim, o alerta é feito aos jovens para que se mantenham virgens até o casamento, já que é o único modo permitido pela divindade de ver e viver a sexualidade no casamento. Admite Kassiana:

Sexo é reprodução e Deus também criou o sexo pra dar prazer pra gente. Uma vez eu falei na igreja que sexo é bom, meu Deus, todo mundo “oh”, tiraram sarro, riram, brincaram. Mas é isso gente, se Deus criou o sexo é porque o sexo é bom, porque tudo o que Deus faz é bom, então sexo também é bom. O que Deus quer dar pra gente é prazer, só que na união entre homem e mulher, com intimidade, comunicação e compromisso. Amém? O primeiro passo é a gente saber: eu sou um ser sexuado, ponto final. Eu preciso orar pela minha sexualidade porque foi Deus que criou. Essa concepção mesmo que a igreja colocou na nossa cabeça de que é profano, que é uma coisa suja e a gente não consegue entender como algo espiritual, como algo que foi criado por Deus; o sexo também é isso. A vontade de Deus é que vocês sejam santificados, abstenham-se da imoralidade sexual, cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido. Também tem a questão da imoralidade, da fornicação, de relações sexuais ilícitas, que é contra a lei ou a moral, principalmente

entre os solteiros. Então se o cara fala assim: não, na Bíblia não diz isso não! tá aqui gente! Práticas imorais, ilícitas entre os solteiros é pecado sim, Deus não quer, é proteção de Deus pra nossa vida, pecado é tudo aquilo que faz mal pra gente como ser humano, então se Deus fala que o sexo antes do casamento é ruim, não pode, não pode! (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

Não praticar imoralidades sexuais e manter-se virgem enquanto solteiro são comportamentos vistos como uma proteção de Deus contra o pecado, sendo esse um investimento discursivo da Gólgota. Suas lideranças abordam constantemente os sentimentos e manifestações físicas que acompanham os fiéis, como culpa, depressão, transtornos psicossomáticos. Eles são abordados como consequências próprias do pecado. A única forma de o fiel se libertar desse tipo de sensação, de não adoecer e ser, portanto, curado por Deus, é permitindo que este, a bíblia e a igreja o protejam.

Por conseguinte, Alana menciona o quanto é importante o religioso estar preparado para ajudar outras pessoas que estão precisando de restauração. É a referência à necessidade de a comunidade acolher os homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais, porém ofertando “cura” para eles.

Eu gostaria que hoje a gente se desarmasse, porque às vezes a gente fala: eu quero ajudar o outro, eu quero vê o outro, eu quero evangelizar. Vamos olhar primeiro pra nossa sexualidade, porque a gente como igreja precisa pensar que ela precisa estar restaurada. Eu como corpo de cristo preciso tá curado pra ajudar quem tá entrando. A igreja deve ser o ambiente saudável em que as pessoas vêm pra serem restauradas, inclusive na área sexual. Na Gólgota, hoje, esse ambiente, deve ser um ambiente que as pessoas venham, que travestis, que homossexuais, que profissionais do sexo venham e sejam restaurados, que sintam esse clima de amor, de graça, de misericórdia. Amém? (Alana Lacerda, 2012, grifos nossos).

O discurso sobre estar primeiramente restaurado e convicto quanto ao que pode e não pode acerca da sexualidade para, posteriormente, ajudar a comunidade LGBT a ser curada, oferece uma possibilidade de discussão em relação a outro trecho do discurso proferido pela missionária Alana no seminário *Crimes e Pecados Sexuais*. Esta mencionou a dificuldade em falar sobre práticas das igrejas em seus evangelismos, precisando dizer para os transexuais e travestis, por exemplo, que a igreja não os aceita como são. Por outro lado, em seu discurso, fica difícil ter certeza de que ela está preocupada com a inclusão dos LGBTs na igreja ou com a abertura e aceitação atribuída a eles em igrejas como as inclusivas, que

são também condenadas pela Gólgota. Em suas palavras:

Eu sempre fui muito apaixonada pelos GLS sempre, sempre tive muita amizade com gay, com lésbica. Num evangelismo eu comecei a fazer um trabalho com travestis e teve um deles que pessoalmente mudou a minha vida assim, minha forma de pensar e eu queria compartilhar com vocês. A gente fez um trabalho de quase dois anos com eles e um desses travestis chegou pra mim e falou: Alana, eu entendo que você fala sobre esse amor de Deus, essa coisa de Jesus querer me transformar, que Jesus me ama acima de tudo. Mas é o seguinte: eu hoje tenho silicone, tenho bunda, tenho seios, eu sou assim. O que que vai acontecer? eu vou chegar dentro da igreja eu vou ser amado? As pessoas vão me aceitar? Aí eu tive que fazer uma séria reflexão e eu não podia mentir pra ele. Eu falei: infelizmente talvez você chegue na igreja e as pessoas vão te rejeitar. Infelizmente talvez você chegue na igreja e as pessoas vão te tratar com desdém. Mas Deus nunca vai fazer isso com você. Gente, será que esse argumento convence? Não dá, né? é bem complicado! Eu chorei muito aquele dia! (Alana Lacerda, 2012, grifos nossos).

A fala de Alana é importante por pontuar a necessidade de mudança na forma de pensar das lideranças e respectivas igrejas para que consigam, efetivamente, não apenas acolher a comunidade LGBT, mas também respeitá-la profundamente. É um conflito entre o amor ao próximo, princípio bíblico, e a postura da própria comunidade Gólgota, que tenta se abrir e acolher esse *diferente*. Há também um questionamento da missionária de como amar esse sujeito se ela sabe que, na prática, ele não será aceito dentro da Gólgota, aparentando existir um entre a sua prática missionária, o que entende como correto e a própria postura da comunidade Gólgota. Nesse caso, é evidente que *o venha como você é, porque o que importa para Deus é o seu coração* não se aplica a todas as situações na denominação religiosa. E, adição à problematização, Kassiana, no outro seminário, *Construção da Sexualidade*, faz uma crítica à postura da Gólgota no que se refere ao tratamento da comunidade LGBT, citando exemplos a partir da experiência com o missionarismo nas ruas:

A gente conheceu uma travesti faz pouco tempo, a Renata, ela é profissional do sexo também, saiu do armário com 16 anos. É filha de pastor da igreja e caiu com outro pastor, olha que lindo! Aí quando a gente tava conversando eu perguntei: mas e o pastor lá que você teve um caso, ele largou a mulher? Não, tá lá com a igreja, com a família, com a esposa. Que lindo, né? (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

Aqui há um indício interessante para a análise da transgressão, apesar da tônica do discurso. Não se trata de lidar com um determinado público, pelo evangelismo e missionarismo, fora da Gólgota. Questões atreladas às próprias famílias de lideranças têm aparecido. Ou seja, as igrejas, internamente, também passaram a contar com questões que não são apenas *do mundo*, elas fazem parte das famílias, das casas, das igrejas. Nesse sentido, a missionária critica a postura de um pastor que se envolveu afetivamente com a travesti, praticando adultério e se mantendo líder da igreja, pai de família e casado. Ela questiona moralmente o exemplo do pastor enquanto liderança.

Ser homem/ser mulher: reproduzindo machismos

Ariès (1978) afirmou que sem a separação entre o público e o privado não teria sido possível a construção de um sentimento mais profundo entre pais e filhos. Na fase de transição entre o período medieval e a modernidade, o que importava para a instituição familiar era o matrimônio e o pai deveria ser obedecido e venerado. Segundo Giddens (1993):

Do ponto de vista institucional, quanto mais prossegue a transformação da intimidade, mais a transição edípica tende a ficar vinculada à aproximação: capacidade dos pais e dos filhos de interagirem tendo como base uma compreensão dos direitos do outro e das emoções do outro. A questão do 'pai ausente', levantada pela primeira vez pela Escola de Frankfurt e mais recentemente por grupos masculinos ativistas, pode ser vista aqui sob uma luz mais positiva que negativa. Uma figura menos especificamente disciplinadora, uma vez que grande parte da disciplina inicial é de qualquer modo assumida pela mãe, o pai (ou a figura paterna idealizada) tornou-se, mais generoso. Encontramos aqui uma intrusão da vergonha no desenvolvimento do psiquismo masculino, embora, em comparação com as meninas, a culpa ainda ocupe um lugar de destaque. O que está em questão não é tanto a identificação com uma figura distintamente punitiva, mas um repúdio defensivo ao processo de educação. (Giddens, 1993, p. 130-131).

De modo a atrelar o mencionado com as fontes entrevistadas, Kassiana, novamente seguindo a linha de discursos proferidos pelo pastor Volmir que consideram a homossexualidade como um desvio, argumenta que esta é consequência

especialmente da falta da figura paterna, o pai ausente¹¹, durante a educação da criança. Aqui se percebe um deslocamento discursivo, direcionado à preocupação com a criança e aos comportamentos e padrões de masculinidade e feminilidade dentro da família e da comunidade, sob um viés psicológico. A líder e psicóloga, Kassiana, argumenta:

As pesquisas mostram que meninos com tendências homossexuais foram crianças que cresceram com pai ausente, ou sem o amor e afeto por parte do pai, isso não é balela gente, é real, é pesquisa mesmo, 99%. Eu posso falar dos homens homossexuais porque eles tiveram pais ausentes, tiveram ausência de masculinidade, de um cara do lado que ensinasse o que é ser homem, que tivesse amor, afeto por ele, então o cara cresce assim. Não só homossexuais, na verdade, mas compulsivos em geral: alcóolatrás, profissionais do sexo, todos têm origem em problemas familiares, principalmente com a ausência de pai. (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

Kassiana está sugerindo a família desregrada como causa da homossexualidade. Daí a importância de se discutir temas como a família. O pensamento é: se o pai é presente, se há diálogo, os desvios da sexualidade, como a homossexualidade, serão mais difíceis de ocorrer, do mesmo modo que vícios e/ou compulsões, como o alcoolismo, podem ser evitados. Não é à toa que, no final do discurso, ela faz o seguinte apelo: “Pai, abrace o seu filho antes que outro homem faça!” (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012). No caso de Kassiana e de Pipe, a sugestão feita é a

11 Quanto à temática do pai ausente em geral, é válido mencionar que o discurso não faz parte apenas de espaços e falas de lideranças de igrejas evangélicas, como a Gólgota, nos últimos tempos. Além de representar fortemente discursos de ativistas da década de 1990, o termo foi cunhado pela primeira vez pela Escola de Frankfurt e foi recentemente abordado pelo próprio catolicismo. Em matéria da Emissora Televisiva Católica *Canção Nova* (comunidade católica brasileira fundada pelo Monsenhor Jonas Abib no ano de 1978, seguindo as linhas da Renovação Carismática Católica), chamada *catequese de hoje*, de 28 de janeiro de 2015, foi mencionado o ciclo de reflexões sobre a família, do Papa Francisco, concentrando-se na palavra “pai” e na ausência paterna como consequência negativa na educação e no crescimento de crianças e jovens. Nas palavras do Papa: “A ausência da figura paterna nas crianças e jovens produz lacunas e feridas que podem ser muito graves. Isso resulta em jovens sem valores, propensos a buscarem ídolos que preencham seus corações. A realidade é tão antiga quanto à história do homem. Para os cristãos assume significado especial, pois é o modo como Jesus ensinou o homem a se dirigir a Deus. Hoje a sociedade sofre com a ausência paterna, pois trata de uma realidade que num primeiro momento foi percebida como libertação da figura do pai patrão, obstáculo à liberdade dos jovens, mas se passou de um extremo ao outro. Hoje o problema não é um pai invasor, mas pais concentrados em si mesmos, no trabalho e na realização pessoal. O pai não sabe que lugar ocupar na família e na dúvida se abstém. Mas há beleza na paternidade. Por isso escolhi começar da escuridão para chegar à luz” (Papa Francisco, 2015).

de uma maior responsabilização do homem (do pai) para com a família, apesar da questão da homossexualidade, por exemplo, ser posta como um desvio. Em outros momentos, no mesmo seminário, Kassiana considerou a sexualidade uma construção, título próprio do Seminário *Construção da Sexualidade*:

Ninguém nasce heterossexual, homossexual, nós nascemos com pênis macho, vagina fêmea, mas é o decorrer da nossa vida que define a construção da sexualidade. O cuidado é da família, porque nós vamos aprender a identificar quem nós somos como gênero: ah eu sou mulher, eu sou homem, eu sou heterossexual ou eu sou homossexual. Nos primeiros 5 anos de vida da criança é o momento onde a personalidade, a sensibilidade e senso de quem ela é é construída, a questão da sexualidade e da personalidade dela, as características, como ela vai ser como pessoa, isso vai ser construído no decorrer do tempo. Daí a importância da família no desenvolvimento dessa criança. (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012, grifos nossos).

Por outro lado, agora analisando discursos do pastor Pipe, no *I Congresso para Homens*, que foram de encontro ao discurso de Kassiana, ele parte da ênfase sobre a necessidade “dos pais serem pais” (Volmir de Bastos, 2012). Para o pastor, tal postura masculina pode evitar *desvios* como a homossexualidade ou problemas decorrentes de desestrutura familiar. É a mesma construção de um padrão de homossexualidade, porém, o pastor é ainda mais enfático que Kassiana ao afirmar que “só um homem poderá ensinar outro homem a ser homem” (Kassiana Lícia de Lacerda, 2012). Nesse sentido, apesar da crítica que faz ao pai ausente na educação dos filhos, ele conserva elementos de um discurso autoritário e tradicional de masculinidade, juntamente à concepção de um único e tradicional formato de família: pai, mãe, filhos.

No mesmo Congresso, o pastor admite “a missão mais difícil que um homem tem na terra é reencontrar sua verdadeira masculinidade” (Volmir de Bastos, 2012). Ao emitir tal frase, o pastor está demonstrando inquietações em relação ao que chama de “crise da masculinidade na sociedade contemporânea” (Volmir de Bastos, 2012). Para Pipe, a verdadeira masculinidade está associada à força, à liderança, à capacidade de tomar decisões, de ser firme, de dar o exemplo. Mas também de ser amável, desde que não demonstrando muito sentimentalismo, docilidade, pois estas são características femininas e também de homens homossexuais. “Dá uma impressão de que você não pode mais ser homem. O padrão de masculinidade que a sociedade impõe se assemelha muito com a homossexualidade, que é um cara sensível, que compreende as mulheres, e por aí vai!” (Volmir de Bastos, 2012).

O discurso do pastor é o de que há um condicionamento para que o homem de hoje seja sensível, fator que tem tornado os homens mais fracos e medrosos no casamento, na vida, no lidar com os problemas. Na sequência, ele enfatiza:

O homem que é condicionado pela sociedade moderna a ser um homem mais sensível, suave, feminino, não terá forças para lidar com suas feridas e muito menos com as feridas de sua esposa, filhas e amigos. Sua força foi roubada. Por isso que você vê tanta gente pulando fora do casamento. Chega a um ponto que aquilo que é exigido dele não é nem uma questão de covardia, é uma questão de ter o que dar. Muitos homens se vêem na obrigação de pular fora por medo, por não saberem como lidar com aquilo que está vindo aí, que cada vez tá piorando mais! Nos sentimos como meninos de 10 anos, no mundo de um homem, mas sem a habilidade de um homem, para enfrentá-lo! (Volmir de Bastos, 2012, grifos nossos).

A exigência de um padrão de masculinidade moderna, no olhar do pastor, é também causa de divórcio, pois o homem se vê perdido entre o padrão que lhe é cobrado e um suposto e verdadeiro padrão de masculinidade, em que o homem deveria ser: forte e corajoso, como o próprio título do congresso sugere, um homem com *Coração selvagem*, título de um livro de John Eldrege.

Pelo conjunto das fontes analisadas, identificou-se não apenas expressões de discursos femininos nas igrejas, como também a presença de discursos machistas, expressos pela fala do pastor Pipe. Este incentiva, ao tomar sua própria postura enquanto homem jovem como exemplo, os mais jovens e solteiros, apesar de inúmeros discursos de que devem manter-se virgens, a *investirem* nas mulheres quando estão namorando, pois estariam preocupados apenas em orar. No congresso, ele aconselha os homens solteiros:

A gente gosta do que é bruto, dessa coisa selvagem mesmo, do homem macho, ok? Por isso os solteiros têm que mais cair matando mesmo, tem que mais é investir mesmo, senão morre solteiro, né? Tem uns caras que são muito devagar. Cara, eu fico olhando pra uns caras aqui na Gólgota que tão muito devagar. Não tô dizendo que você não tem que orar, mas pô essas orações dos caras aí demoram demais, ou Deus não quer mesmo ou os caras são meio surdos demais. Sei lá, quando eu era solteiro eu passava a rasteira, não queria saber, chegava junto mesmo, mas também não precisa sair pegando todo mundo! (Volmir de Bastos, 2012, grifos nossos).

O pastor parece estar revelando uma característica contraditória: ao mes-

mo tempo em que prepara homens e mulheres para permanecerem virgens até o casamento, incentiva os homens a algo diferente: que sejam *homens conquistadores, pegadores*. Pipe remete a um padrão evangélico de permanecer em oração enquanto se está namorando, antes do casamento. Tal processo dura meses e o casal permanece em oração pedindo sinais para que Deus confirme o relacionamento, ou seja, se os pares são do agrado divino e obterão um casamento bem sucedido. No entanto, o padrão é ironicamente abordado como símbolo de uma prática entre os solteiros homens, que estão apenas orando. Repetindo, ele chega a mencionar que os comportamentos que Deus espera de um homem são virilidade, força, coragem. E nas entrelinhas: “ou estão surdos mesmos!” (Volmir de Bastos, 2012).

De modo geral, o diálogo com as fontes selecionadas permitiu situar certos discursos de lideranças golgotanas e compará-los neste e em outros tempos – o quanto são novos, de quais estruturas/conjunturas se apropriaram. Temáticas como família, casamento, sexualidade e a construção de papéis masculinos e femininos tornaram-se corriqueiros nos canais midiáticos religiosos, nos cultos, nos cursos de formação nos últimos anos. Se em seus primeiros dez anos, com a abertura cultural nos grandes centros urbanos, a Gólgota surgiu como igreja moderna, posteriormente mudanças de concepções, práticas e discursos que se tornaram mais rígidos demonstram como há um limite de autoridade nessas ações, como elas são construídas de modo atrelado às lideranças religiosas.

A juventude permanece como o eixo central do evangelismo para a Gólgota, mas a família vem se tornando um foco importante, o que inclusive permite aos líderes se redirecionarem ou se preocuparem, em primeiro lugar, com as crianças, ao invés de com os jovens em seu projeto religioso. Envelhecer junto à Comunidade parece ser uma tentativa. Por isso, ensinar a ser pai, mãe, filho, homem, mulher ganha contorno através dos aconselhamentos, instrução e educação de como se forma um golgotano.

Considerações Finais

O texto tratou apenas de alguns aspectos observados e problematizados na nossa Tese de Doutorado que abordou a Comunidade Gólgota no cenário evangélico brasileiro contemporâneo, defendida em 2018. Investimos na demonstração da denominação religiosa como expressão de movimentos recentes, surgidos no século XXI, com direcionamento para os jovens *undergrounds* curitibanos; assim como em algumas alterações, por parte de lideranças, identificadas na segunda década de funcionamento da Comunidade.

Discutiu-se que, aparentemente desde 2012, para a Gólgota, o jovem tor-

nou-se o ponto de partida para a construção de uma educação familiar e religiosa, ora ressignificando, ora reafirmando identidades e pertencimentos golgotanos. Ser LGBT, solicitar divórcio ou não se manter virgem até o casamento, entre outros, passaram a ser vistos como práticas oferecidas e aceitas pela própria pós-modernidade, mas condenados pela comunidade Gólgota. Nesse sentido, enquanto pesquisadora, tal observação acaba por evidenciar que, apesar da crítica da Gólgota, mas também por ela, é possível atrelar essa comunidade à pós-modernidade. Afinal, os dilemas, as novidades e a fluidez adentraram a igreja, seja pelos trabalhos missionários; seja pela busca por aconselhamentos pastorais; seja pela experiência de fiéis ao conviverem com amigos e parentes, entre outros. Por isso, a mudança de postura discursiva da Comunidade passa a não considerar como normal ou relativizado aquilo que, para boa parte dos fiéis, não é, de fato, normal: bíblicamente é um pecado a ser confessado; em termos sociais, é um problema a tratar, uma doença a ser curada. Por que não pela igreja?

Fragmentos de mídia e entrevistas denotaram por parte da comunidade Gólgota, tentativas de apresentar uma denominação religiosa ressurgida, com uma nova roupagem em meio aos protestantismos/pentecostalismos. Entretanto, essa denominação religiosa carrega marcas desde sua fundação, protestante, vide experiências do líder, cujas marcas reaparecem ao longo do tempo. O aspecto diferenciado da Gólgota vai se evidenciando, por sua trajetória, mais por seu estilo/estética do que por sua doutrina/dogma. Há o rompimento com premissas consideradas profanas em outras denominações, mas, na essência, seus discursos não se distanciam muito do terreno evangélico como um todo.

A articulação entre fonte oral e midiática, com trechos discursivos de lideranças selecionadas, pretendeu pontuar a realidade evangélica, especialmente nos últimos tempos, quando a comunidade se utiliza de todos os meios possíveis a seu alcance para apresentar suas propostas. Estas, em sua maioria, partem de seus líderes, especialmente do pastor. Todavia, é pertinente para qualquer pesquisador se aventurar por perspectivas que estejam além das consolidadas pelas instituições religiosas e suas lideranças, suas concepções e práticas. Eis um dos convites aos leitores, pesquisadores ou futuros pesquisadores da história das religiosidades evangélicas brasileiras. Esta, por sinal, campo vasto e complexo em que está inserido o objeto de pesquisa em questão e que, talvez, possa ter ganhado um pequeno contributo com estas páginas.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. São Paulo: LTC, 1978.

BASTOS, Volmir. *Ministérios da Comunidade Gólgota*. Disponível em: <<https://www.comunidade.golgota.org>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

CARDOSO, Diogo da Silva. O rock e o metal a serviço de Deus: o lugar e os territórios do movimento underground cristão brasileiro. *Anais do III encontro de geografia*. Goyacazes: Instituto Federal Fluminense, 2010.

DARMONT, Pierre. *O tribunal da impotência*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o século XX*. v. 4. São Paulo: Ebradil, 1991.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

FRANCISCO, Papa. *Catequese hoje*. Disponível em: <<https://noticias.cancao-nova.com/mundo/papa-alerta-sobre-a-realidade-da-ausencia-paterna/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo rock: sobre a 'cena underground' dos jovens evangélicos no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, dez. 2007.

MAFFEZOLI, Michel. *Les temps des tribus: le declin de l'individualisme dans les sociétés post moderns*. Paris: Méridiens Clinckseck, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? *Ca-*

dermos de campo: Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP, São Paulo, v. 2, p. 49-51, 2001.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

SCHÜNEMANN, Heller Elinar. O papel do criacionismo científico no fundamentalismo protestante. *Estudos de Religião*, ano 22, n. 35, p. 64-86, jul./dez. 2008.

SCOTT, Joan W. *Gênero*: uma categoria útil para análise histórica. 1989, p. 1-35.

SEVERO, Julio. *Senado aprova criminalização da Homofobia no novo Código Penal*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/senado-aprova-criminalizacao-homofobia-novo-codigo-penal-36091.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

Fontes Orais

BASTOS, Volmir de (Pipe) [ago. 2010]. Entrevistadora: Maralice Maschio. Curitiba, PR, 5 ago. 2010.

_____. [set. 2012]. Curitiba, PR, 28 set. 2012. Testemunho concedido ao: 1º Congresso de Formação para Homens – Coração Selvagem. Disponível em: <<https://www.comunidade.golgota.org>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. [set. 2012]. Curitiba, PR, 29 set. 2012. Depoimento concedido ao: 1º Congresso de Formação para Homens – Coração Selvagem. Disponível em: <<https://www.comunidade.golgota.org>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LACERDA, Alana [mai. 2012]. Curitiba, PR, 12 mai. 2012. Depoimento concedido ao: Seminário Sexo na Igreja: Sagrado ou Profano? parte 2 Masturbação e pornografia. Disponível em: <<http://comunidade.golgota.org/2012/05/12/alana-sexo-na-igreja-santo-ou-profano-parte-2-masturbacao-e-pornografia/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. [mai. 2012]. Curitiba, PR, 13 mai. 2012. Depoimento concedido ao: Seminário Crimes e Pecados Sexuais. Disponível em: <<http://comunidade.golgota.org/2012/05/13/alana-crimes-e-pecados-sexuais/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LACERDA, Kassiana Lícia de [mai. 2012]. Curitiba, PR, 06 mai. 2012. Depoimento concedido ao: Seminário Sexo na Igreja: Sagrado ou Profano? parte 1. Disponível em: <<http://comunidade.golgota.org/2012/05/05/kassiana-seminario-sexo-na-igreja-santo-ou-profano-pt-1/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. [mai. 2012]. Curitiba, PR, 20 mai. 2012. Depoimento concedido ao: Seminário Construção da Sexualidade. Disponível em: <<http://comunidade.golgota.org/2012/05/20/kassiana-construcao-da-sexualidade/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Resumo: O presente texto tem por objetivo contribuir para a história das religiosidades contemporâneas no Brasil, tomando como exemplo alguns temas abordados por lideranças da Comunidade Gólgota, em Curitiba (PR), na segunda década de sua trajetória (2010). Família, casamento e sexualidade são temas bastante valorizados em seus canais midiáticos desde 2012, destacando-se duas ações de suas lideranças atuais: acompanhar movimentos e transformações da sociedade brasileira e se aproximar dos internautas, membros da comunidade ou não. A Gólgota despontou no cenário evangélico, a partir de 2001, sob o rótulo de *emergente*, direcionada ao público juvenil *underground*. Comparam-se as mudanças da Comunidade após uma década, observando-se, por intermédio de falas de três lideranças, a representação de discursos mais rígidos e a aproximação da noção de família. Verificam-se os casos de aproximação e de distanciamento da Comunidade de igrejas tradicionais; questiona-se o nível de inovação ou de reprodução dos discursos da Comunidade em relação aos das matrizes criticadas inicialmente.

Palavras-chave: Gólgota. Brasil. Fonte oral. Família. Casamento. Sexualidade.

Golgotha Community: family, marriage and sexuality

Abstract: The paper aims to contribute to the history of contemporary religiosities in Brazil, taking as example some topics addressed by leaders of the Golgotha Community, in Curitiba (PR – Brazil), in the second decade of its trajectory (2010). Family, marriage and sexuality have been highly valued themes in its media channels since 2012, two actions of their current leaders being relevant: tracking of Brazil's movements and society transformation and bonding with internet users, whether or not Golgotha Community members. Golgotha has emerged in the evangelical scene from 2001 under the label of “emergent”, directed to the underground youth audience. The changes in the community after a decade are compared, with more strict discourses and a more important presence of family matters as results on the three leaders' statements. Similarities and differences from the

traditional church community were verified; we question the levels of innovation or discourses reproduction in the Community in comparison to those from the religious matrix initially criticized.

Keywords: Golgotha. Brazil. Oral account. Family. Marriage. Sexuality.

Recebido em 18/04/19

Aprovado em 18/05/19